

## Camponeses Inovam para Protegerem Viveiros Comunitários de Árvores

Tal como a maior parte dos moçambicanos das zonas rurais, Carlitos Manuel e Manuel Capena passaram as suas vidas como agricultores de subsistência lutando, sozinhos, para produzirem comida suficiente destinada a alimentar as suas famílias. Mesmo depois da guerra civil destrutiva de 16 anos em Moçambique ter terminado em 1992, a extensão agrária e outros serviços do governo nunca chegaram à sua pequena aldeia de Mualua—um lugar tão remoto que os próprios residentes da zona tiveram que abrir uma picada para ligar a aldeia ao mundo exterior.

Sem informação nem recursos, Manuel, Capena e os seus vizinhos continuavam a utilizar métodos de cultivo ultrapassados e ineficientes, bem como culturas familiares tais como o milho e o amendoim. Nunca sonharam em plantar árvores para produzir culturas tais como o caju ou citrinos para venda - embora Moçambique tivesse sido o maior fornecedor mundial de castanha antes da implementação das novas políticas socialistas do governo nos finais da década de 70. Porém, novas possibilidades se abriram para Manuel e Capena em 2002 quando um programa de desenvolvimento, financiado pela USAID, chegou ao seu canto isolado da província da Zambézia no norte - centro de Moçambique.



Manuel Capena, à esquerda, e Carlitos Manuel inspeccionam um cajueiro plantado com base no método que desenvolveram nas

zonas rurais de Moçambique.

Foto: Melissa Thompson/USAID

Os técnicos da organização Adventist Development Relief mostraram a um grupo de 36 camponeses de Mualua como melhorar a produção e diversificar a produção alimentar com culturas ricas em nutrientes, tais como a batata-doce de polpa alaranjada. Manuel foi enviado para um curso de formação num viveiro central, onde aprendeu técnicas de enxertia de plantas com vista a produzir cajueiros e citrinos de alta qualidade – fontes de rendimento potencialmente lucrativas para os pequenos agricultores.

Programas como o de Mualua, que estão a abranger mais de 200.000 famílias rurais pobres, constituem a espinha dorsal da estratégia de segurança alimentar da USAID em Moçambique. Desenhados para serem localmente sustentáveis e garantirem a auto-suficiência alimentar a longo prazo, os programas facultam serviços de extensão agrária e educação nutricional para permitir que as famílias produzam mais alimentos, aumentem os seus rendimentos familiares e reduzam a malnutrição através de dietas saudáveis.

***Esperamos conseguir uma grande produção de castanha no futuro e estamos agora a aconselhar outros grupos sobre como melhorar a sua produção. Contamos ganhar muito dinheiro no futuro.***

- Carlitos Manuel, líder do viveiro comunitário.

Depois da formação, Manuel regressou à terra para partilhar os seus novos conhecimentos com os vizinhos. Ele e Capena lideraram esforços com vista a começar um viveiro comunitário, um dos 212 criados nos distritos da província da Zambézia nos últimos anos. Com materiais de plantio melhorados fornecidos através do programa da USAID, os viveiros produzem plantas a partir de sementes que os camponeses da aldeia estão a utilizar para iniciar as suas próprias culturas de caju e de citrinos. Dentro de poucos anos, as árvores estarão a produzir o suficiente para proporcionar uma nova fonte sólida de

rendimentos para milhares de pessoas.

Embora as técnicas de enxertia tenham dado bons resultados em Mualua, cedo a comunidade enfrentou um problema. Alguém começou a roubar centenas de plantas que se encontravam em pequenos sacos de plástico pretos. Manuel e Capena puseram-se à procura de uma solução e começaram a experimentar um novo método de plantio, a que chamaram pé franco. Este método implicava plantar as árvores directamente na terra, eliminando a necessidade de sacos plásticos caros e difíceis de encontrar. O método não só funcionou, como também se tornou mais sustentável – necessitando de menos água, custando menos e registando uma taxa mais alta de sobrevivência da planta.

O viveiro comunitário é agora o centro das actividades em Mualua. Este ano, os camponeses da aldeia plantaram 4.000 cajueiros a partir de sementes sem sacos de plástico, com uma taxa de sobrevivência de 90 por cento.

Também começaram a aconselhar grupos de outras aldeias sobre o novo método do pé franco. Em toda a zona, cerca de 7.500 camponeses cultivam cajueiros e citrinos com a ajuda da USAID. Em 2003, plantaram mais de 43.000 cajueiros enxertados, que se prevê comecem a dar lucros em 2007.

Os camponeses de Mualua também procuram uma produção melhorada de outras culturas suas e já começaram a comercializá-las a grosso, o que lhes dá um poder de negociação adicional para obterem melhores preços. “Já estamos a ganhar mais dinheiro com a venda das nossas culturas tradicionais como o milho com um grupo e contamos ganhar muito dinheiro no futuro com a venda de fruta e de castanha”, afirma Manuel.